

Toneladas de papel

e rios de tinta são gastos todos os anos sobre o mesmo tema: Maio de 1968, que virou ícone de rebeldia e de contestação.

Adverso decidiu tratar a questão com Alain Krivine, protagonista nos acontecimentos de 30 anos atrás. Para Krivine, salvo raras exceções, o movimento contestatário resultou num rotundo fracasso.

Fabírcia Osanai



As Criaturas da mídia

Pág. 3

A elite do poder

Conheça o perfil dos parlamentares que comandam o processo decisório no Congresso Nacional

Pág. 5

A Ufrgs em obras

Recursos do BNDES desengavetam projetos de recuperação de prédios e de transferência de faculdades

Pág. 8

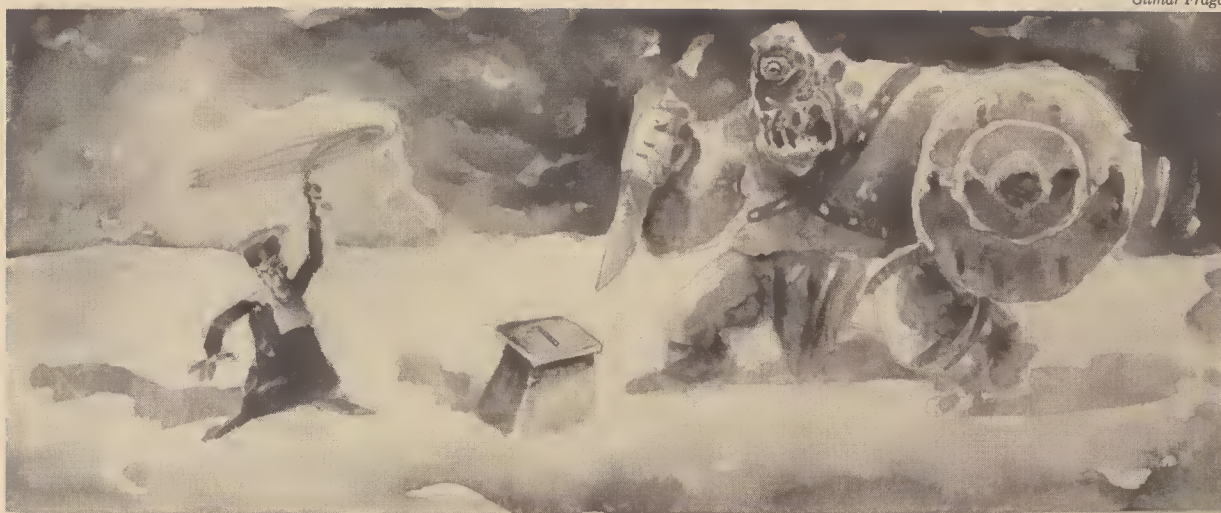
Renúncia cultural

O Estado se admite incompetente para gerir a área cultural, renuncia aos impostos e à formação da população



Em cima de alguns fenômenos atuais, especialistas voltam a discutir quem nasceu primeiro: os personagens, o mercado ou a necessidade do ser humano em ter modelos que são quase semideuses da mitologia grega

Páginas 6, 7 e 8



Davi e Golias

Chamamos a atenção dos colegas para o momento que estamos vivendo. Depende muito de cada um em que situação estaremos nós, os brasileiros, e qual será o rumo da educação e da pesquisa científica nos próximos quatro anos.

É evidente que nós – aqueles que têm compromisso com a universidade pública de qualidade – não queremos a repetição da orientação da política educacional dos quatro anos anteriores.

Assim, no imediato, não basta cumprirmos o dever cívico do voto para barrarmos este projeto que consideramos nefasto à educação pública e para o desenvolvimento científico e tecnológico do nosso país. É necessário que cada um de nós seja, independente de nossa convicção particular, um militante que visa, em cada espaço possível, ser propagandista da verdade.

Os detentores do poder, na sua arrogância, no seu domínio dos meios de comunicação, nas suas enxurradas de recursos para corromper as consciências, têm a pretensão e a certeza de sempre vencer.

Na realidade, é só nosso comodismo e inatividade que pode lhes dar esta convicção. As pesquisas de opinião têm mostrado que quanto o menor nível de escolaridade, mais espaço existe para a manutenção dos atuais interesses no poder. Este simples fato mostra que eles se alimentam da mentira, da manipulação, das sombras enfim. Por que teriam

estes senhores interesse numa educação ampla e crítica dos cidadãos?

Embora consideremos essencial a educação formal, não é só esta que pode facultar uma opção esclarecida neste momento.

O convencimento, feito de forma pessoal por cada um de nós – principalmente aos que percebem as questões que estão em jogo – pode fazer a diferença.

Além disso, o objetivo desse processo de esclarecimento das pessoas não se restringe às eleições. Pode ter um efeito muito mais duradouro e criar um padrão de exigência sobre os governantes sejam eles quais forem, que pode aprimorar a sociedade e a democracia.

Desta forma, não nos é permitida a intimidação e o comodismo. A chantagem formulada pelos detentores do poder – de que a estabilidade monetária só é possível se sacrificarmos as políticas sociais, o crescimento econômico, a justiça social, a soberania nacional e nosso futuro –, deve ser desmascarada e isso é tarefa de todos nós.

A mobilização, a força, a convicção que mostramos durante a greve, que foi eficaz e permitiu que a população ficasse do nosso lado, deve ser equalizada para enfrentar a máquina eleitoral dos detentores do poder, os mesmos que vencemos na batalha de disputa da opinião pública durante a greve.

Nesta luta de Davi contra Golias, a verdade é a funda de Davi. Ele só tem que usá-la.

OBSERVATÓRIO

Escolas virtuais

Brasil, Colômbia e Chile estão negociando com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) a inclusão no programa Escolas Virtuais, projeto de excelência da área de ciências naturais e matemática voltado para alunos dos dois últimos anos de Segundo Grau. Orçado em US\$ 10 milhões, o projeto da escola virtual será aplicado em 50 escolas de cada país, preparando os estudantes para o século 21. No Brasil, menos de 10% das escolas brasileiras de 1ª a 8ª séries contam com laboratórios de ciências. No Segundo Grau, menos da metade dispõe do equipamento.

A eleição para reitor

A sequência de protestos contra a posse de José Henrique Vilhena na Reitoria da UFRJ levou a Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) a defender a revisão do processo de escolha dos reitores das universidades públicas. O presidente da entidade, José Ivonildo do Rego, reitor da UFRN, entende que a escolha do reitor deverá ser feita pela comunidade "no contexto da autonomia universitária". Para o MEC, a questão é clara: "Se o governo não puder interferir em nenhum momento, é melhor a Universidade tratar de se autofinanciar", diz o ministro Paulo Renato. Atualmente, cada Universidade decide os procedimentos para a escolha dos candidatos que comporão a lista triplíce na qual o Executivo escolherá o reitor. Para a reitora da Ufrgs, Wrsana Panizzi, a questão central é a legitimidade de quem vai gerir uma instituição. "Já é difícil administrar uma universidade tendo a legitimidade necessária. Sem ela, fica muito mais difícil", avalia a reitora.

Comissão para a Universidade

A SBPC designou uma comissão de seus membros para estudar os principais problemas que afligem a Universidade Pública brasileira e preparar uma proposta de reforma universitária. A comissão é constituída pelos professores Adalberto Luis Val (UFAM), Carolina Bori (USO), Ennio Candotti (UFES), Fernando Zawslack (UFRGS), Mário Rubens Guimarães (USP) e Vilma Figueiredo (UnB). A decisão de criar a comissão foi tomada durante a 50ª Reunião Anual da SBPC, ocorrida em julho, em Natal (RN). O próximo encontro da Sociedade vai ocorrer em Porto Alegre, em julho de 1999.

Unificação de carreiras

A direção do Sindicato Nacional dos Docentes de Ensino Superior (Andes) pretende iniciar uma campanha para unificar as carreiras de professores do ensino básico e fundamental das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes). O propósito é valorizar o trabalho dos cerca de 12 mil docentes desses dois níveis que lecionam nos Colégios de Aplicação, Centros Federais de Educação Tecnológica, Colégios Técnicos e Escolas Agrotécnicas. Desde a aprovação da isonomia salarial entre os docentes das Ifes, em 1987, pelo Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos, esses professores passaram a ser diferenciados. O ministro da Educação, Paulo Renato, comprometeu-se a negociar com a Andes a adoção de um plano único de salários para docentes das Ifes. Segundo Ciomara Nunes, diretora da Andes, a disposição do ministério para negociar é a principal conquista da categoria após a greve.

**AD
VERSO**

**Publicação
quinzenal
Impresso em
papel Ecograph
Tiragem :
4.500 exemplares**

Edição: Silvanio Mariani
Reportagem: James Görgen
Estagiária: Fabrícia Osanai
Programação Visual: Gilmar Fraga
Diagramação: Nilson Figueiredo Filho
Revisão: Jorge D. Barbosa

Diretoria

Presidente: Carlos Schmidt; Vice-Presidente: Lúcio Hagemann; 1º Secretário: Eloína Prati dos Santos; 2º Secretário: Jorge Ducati; 1º Tesoureiro: Mário Brauner; 2º Tesoureiro: João Vicente Silva Souza; 1º Suplente: Benedito Tadeu César; 2º Suplente: Ricardo Jacobi.

Seção Sindical do ANDES-SN. Rua Otávio Corrêa, 45. Porto Alegre/RS
CEP: 90050-120 Fone/Fax: (051) 228.1188
E-mail: adufrgs@portoweb.com.br
Home Page: <http://www.adufrgs.org.br>

POLÍTICA

O Alto Clero do Congresso Nacional

Levantamento do Diap faz uma radiografia do poder de deputados e senadores

Profissional liberal, com formação superior e defensor da economia de mercado; no espectro ideológico identifica-se com o Centro, tem mais de um mandato, é oriundo das regiões mais ricas do país ou dos estados ricos das regiões pobres. Pertence aos maiores partidos, gosta de autotitular-se como social-democrata e destaca-se como articulador político. Esse é o perfil dos parlamentares que comandam o processo decisório no Congresso Nacional.

Silvanio Mariani

A constatação é de pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), que mapeou os 100 parlamentares que constituem a elite do Congresso. O relatório da pesquisa, intitulado *Os*

cabeças do Congresso Nacional, é resultado de acompanhamento sistemático da atuação dos parlamentares, buscando constatar a habilidade e o grau de influência dos deputados e senadores no processo decisório do Poder Legislativo.

Os líderes foram identificados a partir de critérios quantitativos e qualitativos, apurados segundo metodologia que leva em consideração aspectos institucionais, reputacionais e de tomada de decisão.

Cinco categorias foram utilizadas para a classificação dos parlamentares de acordo com as habilidades de cada um, dando destaque à característica principal de cada operador-chave do processo legislativo. O Adverso apresenta, a seguir, as características de cada categoria e os nomes dos principais parlamentares a elas associados.

Formadores de opinião

Por sua respeitabilidade, credibilidade e prudência são chamados a arbitrar conflitos ou conduzir negociações políticas de grande relevância. São deputados ou senadores experientes, com trânsito fácil entre as diversas correntes e segmentos representados no Congresso e visão abrangente dos problemas do país, cuja opinião influencia fortemente a decisão dos demais. Discretos na forma de agir, evitam se expor em questões menores do dia-a-dia do Legislativo e preferem as decisões de bastidores, onde exercem real poder. Constituem a elite do Poder Legislativo, embora não precisem, necessária e institucionalmente, estar em postos-chave, como liderança formal ou presidência de uma das Casas do Congresso. São os líderes de alta patente, respeitados e legitimados pelo grupo ou corrente política que lideram.

Senadores: José Sarney (PMDB/AP), Antônio Carlos Magalhães (PFL/BA), Roberto Freire (PPS/PE), Espiridião Amim (PPB/SC) e Eduardo Suplicy (PT/SP).

Deputados: Miro Teixeira (PDT/RJ), Roberto Campos (PPB/RJ), Alberto Goldman (PSDB/SP), e Delfim Netto (PPB/SP).

Articuladores

São parlamentares com excelente trânsito nas diversas correntes políticas e cuja facilidade de interpretar o pensamento da maioria os credencia a ordenar e criar condições para o consenso. Muitos exercem um poder invisível entre seus colegas de bancada, sem aparecer na imprensa ou nos debates de plenários e comissões. Como interlocutores dos líderes de opinião, encarregam-se de difundir e sustentar as decisões ou intenções dos formadores de opinião, formando uma massa de apoio. Têm livre acesso aos bastidores do poder institucional e alto grau de fidelidade às diretrizes partidárias ou ideológicas.

Senadores: Bernardo Cabral (PFL/AM), Teotônio Vilela Filho (PSDB/AL), Sérgio Machado (PSDB/CE) e Jader Barbalho (PMDB/PA).

Deputados: Geddel Vieira Lima (PMDB/BA), Inocêncio Oliveira (PFL/PE), Paulo Bernardo (PT).

Formuladores

Normalmente são juristas, economistas ou pessoas que se especializaram em determinada área. São os parlamentares mais produtivos, embora possam aparecer menos que os debatedores. O debate, a agenda e a dinâmica do Congresso são fornecidos basicamente pelos formuladores, que dão forma às idéias e interesses que circulam nas duas Casas. São os que concebem e escrevem o que o Poder Legislativo debate e delibera.

Senadores: Lucio Alcântara (PSDB/CE), José Fogaça (PMDB/RS), Vilson Kleinubing (PFL/SC) e Romero Jucá (PFL/RR).

Deputados: Ibrahim Abi-Ackel (PPB/MG), Paulo Paim (PT/RS), Antônio Kandir (PSDB/SP), Martha Suplicy (PT/SP) e Michel Temer (PMDB/SP).

Debatedores

Ativos e atentos aos acontecimentos, são parlamentares extrovertidos, que procuram ocupar espaços e explorar assuntos que possam virar notícia. Conhecedores das regras de funcionamento das Casas do Congresso, exercem real influência nos debates e na definição da agenda prioritária. Com suas questões de ordem, encaminhamento, discussão de matérias e obstrução do processo deliberativo, dominam a cena. São os mais procurados pela imprensa.

Senadores: Ademir Andrade (PSB/PA), Roberto Requião (PMDB/PR), José Eduardo Dutra (PT/SE).

Deputados: Jaques Wagner (PT/BA), Augusto Carvalho PPS/DF), Paulo Bernardo (PT/PR), Odacir Klein (PMDB/RS) e Wagner Rossi (PMDB/SP).

Negociadores

Em geral líderes partidários, têm autoridade para firmar e honrar compromissos. Sentam-se à mesa de negociação respaldados para tomar decisões. Sabedores de seus limites de concessões, procuram previamente conhecer as aspirações e bases de barganha dos interlocutores para estabelecer sua tática de convencimento. Além da credibilidade, devem possuir urbanidade no trato, controle emocional, habilidade no uso das palavras, discrição e, sobretudo, capacidade de transigir.

Senadores: nenhum foi identificado com o perfil acima.
Deputados: Francisco Dornelles (PPB/RJ) (ver líderes partidários).



1 Alberto Goldman, 2 Jader Barbalho, 3 Bernardo Cabral, 4 Hugo Napoleão, 5 Inocêncio de Oliveira, 6 Delfim Netto, 7 Benito Gama, 8 Antônio Carlos Magalhães, 9 Roberto Freire, 10 Teotônio Vilela Filho, 11 Miro Teixeira, 12 Eduardo Suplicy, 13 Josaphat Marinho e 14 Roberto Campos



Enéas Arrais Neto / Arquiteto, doutorando em Educação, docente da UFC

Mais educação e menos hipocrisia

Entre as muitas questões suscitadas pelo debate em torno da educação, discute-se a gratuidade do ensino superior no Brasil.

Argumentos são apresentados contra o ensino superior público-gratuito: teríamos como prioridade o ensino básico, para o qual se deveria destinar as verbas (federais) consumidas majoritariamente pelas Universidades; por outro lado, a clientela das Universidades públicas seria composta de estudantes egressos das escolas privadas de elite, supostamente membros da elite econômica.

Estaria configurada, então, uma dupla injustiça: os pobres não teriam escolas e os ricos não estariam pagando pela Universidade que cursam com o dinheiro público.

Fala-se que o dinheiro arrecadado pelas anuidades permitiria modernizar a Universidade em termos de equipamentos e estrutura física bem como pagar melhor os professores (reconhecendo-se, tacitamente, o sucateamento material e humano que lhe vem impondo o descaso dos sucessivos governos empresariais).

Idéias alternativas são levantadas, eventualmente, como a do desperdício que seria esforçarmo-nos por desenvolver nossas próprias vertentes tecnológicas, quando seria mais barato comprá-las em pacotes fechados no mercado.

Analisemos mais de perto estes argumentos e o que escondem por trás do que é dito, supostamente embasado em fatos e despidido de interesses políticos.

É fácil perceber o equívoco de uma visão estreita de curto prazo no argumento de comprar a tecnologia necessária. Não se quer reinventar a roda no Brasil, como idiomatadamente alegam os luminares da subserviência nacional: os deputados Roberto Campos e Delfim Netto.

Trata-se de perceber que nenhuma nação é independente se não produz ou domina a tecnologia que utiliza. A posição de um país no cenário internacional como país dominado, submisso, explorado, é decorrência básica deste fator, articulado sob a ótica da lucratividade do capital acima de qualquer outro valor social ou humano.

Aí reside um dos importantes papéis das Universidades, ao criarem tecnologia ou estabelecerem as bases humanas que possam absorvê-la de forma inteligente.

Quanto à questão principal do financiamento, é interessante notar a falsidade de sua construção.

Primeiro ponto: ao Governo Federal não cabe a responsabilidade pelo ensino básico. Este é bancado e ofertado sob a responsabilidade prioritária dos municípios. É claro que se o ensino superior é o único de responsabilidade da União, as verbas federais estarão majoritariamente comprometidas com as Universidades.

Somente ignorância ou má-fé explicam que se explore este dado. Se o próprio Governo Federal não responde à sua única responsabilidade direta com a Educação, que é o ensino superior, com que autoridade, além da pura propaganda vazia e enganosa, pode dizer que é hora da escola?

Que a Universidade pública esteja cheia de ricos é outro quadro falso. Excetuando-se fatias de alguns cursos mais elitizados, basta circular pelos vários campi das Ifes (como na minha UFC ou qualquer ou-

tra Ife nordestina, por exemplo. E creio que o quadro não varia muito no restante do país) para ver que a maioria dos alunos são filhos de assalariados que teriam grandes dificuldades ou mesmo a impossibilidade de se manter numa Universidade paga.

Esta constatação foi confirmada por pesquisa da Andifes em todo o país.

A situação é ainda mais clara nas várias Universidades estaduais (novamente afirmo o quadro nordes-



tino), onde são majoritários os alunos provenientes das classes trabalhadoras.

A Universidade pública-gratuita é uma das pouquíssimas possibilidades abertas à formação dos filhos de trabalhadores. Agora querem fechar essa pequena porta.

Se o problema fosse verdadeiramente a preocupação com as verbas públicas estarem servindo aos ricos, veríamos estes cidadãos protestando contra o uso de bilhões de reais para o enchimento de bolsos de banqueiros via Proer.

Onde estão seus protestos quando o mesmo Governo Federal perdoa dívidas de usineiros e de latifundiários que custeariam as Universidades por décadas? Nenhum deles se manifesta contra as transferências brutais de divisas para os bancos estrangeiros e nacionais por conta de nossas eternas dívidas externa e interna ou da mais recente transferência líquida de dinheiro para as contas dos especuladores do mercado de ações ou fundos de pensões, por conta dos estratosféricos juros internos.

Nenhuma palavra de protesto contra financiamento e refinanciamento a fundo perdido (ou quase) de grandes industriais que concentram cada vez mais a riqueza abocanhando dinheiro público.

Entalam-se com mosquitos enquanto engolem elefantes. Cabe aqui o provérbio latino: *Et curia simulant sed bacanalía sunt*.

Se quisermos atender os interesses populares, seria melhor voltar a Universidade também para o serviço à maioria da população brasileira, realimen-

tando a produção de ciência com o conhecimento da realidade nacional através da pesquisa e extensão universitárias.

É um absurdo que, por exemplo, um médico ou arquiteto formado às expensas do povo seja formado na perspectiva de trabalhar para a elite, visando unicamente o sucesso financeiro pessoal. Na maioria das áreas do saber se poderia organizar uma espécie de serviço social obrigatório vinculado ao currículo prático para quem cursasse Universidade pública ao longo de seu período de estudante e por um ano após formado, em troca de uma bolsa que permitiria sua manutenção.

Há várias idéias de como desestimar o desenvolvimento elitista da Universidade e de seus profissionais, ao mesmo tempo aproximando-os da realidade do país.

Quanto ao fato de que se deseje que as Universidades públicas tenham suas vagas voltadas prioritariamente para os mais pobres e para a escola pública, há várias formas de fazê-lo:

Por que não tornar unificado o sistema público de ensino, por exemplo, da pré-escola ao superior, com progressão contínua e acesso interno?

Creio que isso, além de possível legalmente, configuraria o maior estímulo à rede escolar pública. Quem colocaria seus filhos em escolas particulares, sabendo que iriam fatalmente ter que recorrer a Universidades privadas pagas e ruins?

Somente é necessário vontade política de conferir prioridade política ao povo. Creio que, no entanto, não é essa a intenção destes senhores tão preocupados em privatizá-las.

E, por favor, evite-se tratar os leitores como se fossem seres desprovidos de inteligência, com o argumento de que pagar não significa privatizar. A filigrana jurídica de ser formalmente pública não é o centro da questão mas, sim, a possibilidade de livre acesso para o povo.

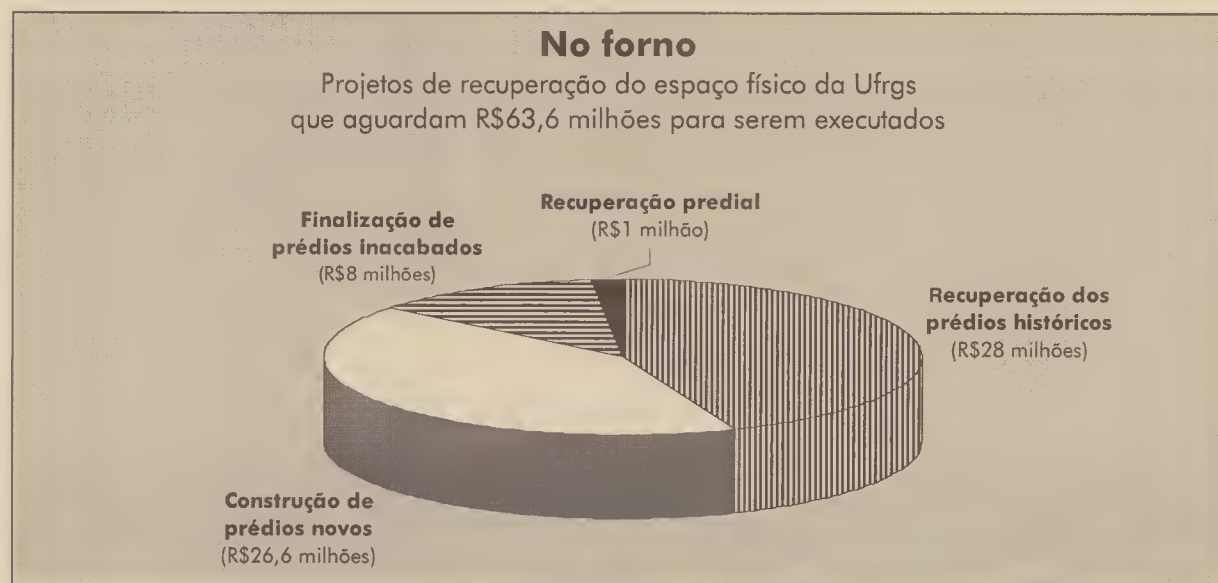
A comuna de Paris, há mais de um século atrás, numa das mais belas páginas históricas da democracia mundial, estabeleceu que a educação seria pública, gratuita, universal e total. Nos artigos seguintes determinava que se provessessem os meios para esse fim. Me causa espanto que educadores, professores universitários ou qualquer interessado em educação, mais de um século depois, ainda defenda educação com adjetivos restritivos: lutar por educação básica para todos é de uma discriminação flagrante e preconceituosa, se isolada da luta por educação para todos em todos os níveis.

Lutemos por educação completa, integral e permanente, voltada para o engrandecimento global do ser humano em todas as suas faculdades e dimensões e não apenas sob o enfoque produtivista do "capital humano".

Não nos deixemos enganar pelo falso argumento de que não há verbas ou orçamento para isso. Mesmo compreendendo que será galgada gradualmente, essa é uma luta possível, uma opção política de alocação da riqueza nacional criada por nós, que podemos determinar como utilizá-la.

E-mail: aedocq@ioe.ac.uk

UNIVERSIDADE



Operação mudança da Ufrgs pode sair do papel em breve

Com recursos de um programa do BNDES, o Plano Diretor começará a ser posto em prática com a transferência de quatro unidades, da Biblioteca Central e recuperação de prédios históricos

É hora de preparar malas e bagagens porque algumas unidades da Ufrgs estão de mudança. Nos próximos dois anos, os Institutos de Ciências Biológicas e de Artes, a Faculdade de Engenharia Mecânica, a Escola de Administração e a Biblioteca Central vão passar a atender em outro endereço. A Ufrgs foi uma das cinco universidades federais que teve seu projeto pré-aprovado pelo Ministério da Educação e do Desporto para receber recursos do Programa de Modernização e Qualificação do Ensino Superior (PMQESU) criado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Serão quase R\$ 8 milhões para tocar um projeto de nome pomposo - "Recuperação e Ampliação dos Meios Físicos dos Campi da Ufrgs" - que colocará em andamento alterações previstas pelo Plano Diretor da universidade.

A verba do BNDES não saiu de graça. Desde outubro do ano passado, a Superintendência de Espaço Físico (Supef) da Ufrgs vem avaliando prédios e terrenos da universidade para alienar como garantia do financiamento. Na lista entraram os prédios do Instituto de Artes (um imóvel), do Departamento de Artes Dramáticas (dois imóveis) e uma área de 117 hectares em frente à Faculdade de Agronomia. Com a assessoria da Caixa Econômica Federal, os técnicos chegaram ao valor que serviu de base para o total a ser liberado: R\$ 11,37 milhões. Pelas regras do BNDES, as universidades públicas têm direito a receber apenas 70% do preço do patrimônio avaliado, ou seja, algo em torno R\$ 7,96 milhões, valor que ainda será atualizado. Liberados de acordo com o cronograma físico-financeiro das obras, os recursos serão pagos em 10 anos e são reajustados apenas pela taxa de juros de longo prazo (TJLP).

Em obras

Com a notícia da aprovação do "projeto do BNDES", a Supef entrou em obras, passando a definir as prioridades. Na situação em que se encontra o patrimônio da Ufrgs, o difícil era decidir o que não era prioridade. "Nós temos várias áreas que não são utilizadas devido às más condições dos prédios", justifica o superintendente de Espaço Físico, Christoph Bernasiuk.

Em muitas unidades, o perigo de desabamento fez com que a Supef isolasse determinadas partes das

edificações. Como os R\$ 8 milhões representam apenas 12,5% do total de recursos que a universidade precisa para recuperar prédios e finalizar obras inacabadas (veja gráfico), a Reitoria optou por iniciar o processo de transferência de unidades, reunindo áreas afins em campi temáticos.

Desta forma, o Instituto de Ciências Biológicas será transferido para o Campus Saúde. O famoso prédio histórico da Biociências passará a concentrar todas as unidades do Instituto de Artes, incluindo os departamentos de Artes Dramáticas e Música, antes dispersos pelo centro de Porto Alegre. Serão cerca de 9 mil m². Espaço suficiente para as salas de aula, biblioteca, auditório, galerias e demais necessidades do braço cultural da Ufrgs.

Outra novidade importante é a transferência das instalações da Faculdade de Engenharia Mecânica para o campus do Vale, onde se concentrarão todas as unidades ligadas ao desenvolvimento tecnológico. O antigo prédio do Instituto Parobé, localizado na rua Sarmiento Leite em frente à Rádio da Universidade, ficará de herança para a Biblioteca Central. Por meio de um convênio assinado com o governo do Estado, a Ufrgs receberá mais R\$ 2,5 milhões para tratar da recuperação do prédio quase centenário e da informatização completa da biblioteca.

Finalmente, a Escola de Administração ganhará sede própria. Ocupando um prédio alugado na avenida João Pessoa, a unidade será definitivamente instalada no ex-Instituto de Química. Fixado no coração do Campus Central, o imóvel precisa passar por reformas estruturais para trocar toda a madeira que forma a parte interna do prédio. Segundo Bernasiuk, as obras estão orçadas em R\$ 2,5 milhões, que poderão ser reunidos com recursos próprios da Escola de Administração.

Somando todos os custos com recuperação de estruturas, fachadas, rede elétrica, transferência das instalações e acabamento essa operação de mudança consumirá R\$ 9 milhões. "A gente não fará tudo nessa gestão", admite o superintendente. Trabalhando com uma equipe de 12 engenheiros e arquitetos, o Departamento de Projetos e Obras da Supef promete finalizar a transferência em dois anos a partir da primeira liberação do BNDES.

Capes vai tentar reduzir os índices de evasão de cursos

MEC considera altas as taxas de 24% para mestrado e 15% para doutorado

Os índices de evasão de mestrado e doutorado registrados no País - 25% e 15%, respectivamente - estão sendo considerados muito altos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). As taxas atualizadas foram fornecidas ao Estado pelo diretor de avaliação da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Adalberto Vasquez, com base na série histórica dos últimos cinco anos. O ministro da Educação, Paulo Renato Souza, deverá divulgar o resultado da avaliação feita em 1,2 mil cursos do país na próxima terça-feira.

"A Capes está sinalizando quais são os novos objetivos da agência em relação à pós-graduação", diz Vasquez. Para ele, os programas deverão ser flexíveis - não apenas direcionados para a academia mas também para o mercado. A rigidez dos programas é considerada pela agência um dos principais fatores que levam à evasão. O coordenador acredita que o novo sistema de avaliação dos cursos instituído este ano, contribuirá para reduzir esses percentuais. Os programas são julgados como um todo, não separando mestrado e doutorado.

Os novos critérios de avaliação, segundo Vasquez, estimulam a criação de cursos de pós-graduação mais breves e direcionados aos interesses dos alunos, como é o caso do mestrado profissional. Esse curso, com duração mínima de um ano, é dirigido a técnicos de empresas privadas e públicas para atender às necessidades do mercado. Ao contrário do mestrado acadêmico, no fim do curso o aluno não precisa apresentar uma dissertação e, sim, um projeto, que pode ser o desenvolvimento de um novo equipamento. O sistema admite que alunos do mestrado profissional possam migrar para o acadêmico e vice versa.

Para Vasquez, o nova avaliação "rompe com a tradição" dos cursos de pós-graduação no Brasil, que ao longo de muitos anos permitiu mestrados demorados - um tempo médio de 5 anos, quando atualmente o máximo permitido é 30 meses. O modelo norte-americano pode ter servido como inspiração para a mudança. O mestrado deve ser curto e apenas uma etapa a mais no processo de qualificação.

"As universidades podem criar programas em que o aluno entra direto no doutorado", diz Vasquez. Até a criação desse novo método de avaliação, a Capes conceituava os cursos separadamente. Agora, a agência atribui uma nota (e não mais um conceito) ao programa de pós-graduação. Um dos requisitos para obter as maiores notas (6 e 7) é que o programa ofereça mestrado e doutorado. Pela primeira vez, a Capes estabelece parâmetros internacionais para avaliar os cursos do País. "Antes, a avaliação era feita de acordo com a realidade brasileira", diz ele.

(O Estado de S. Paulo, 14/8/98)

Computadores nas Ifes

Todas as 52 Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) do País terão um computador para cada grupo de 20 alunos. Onde isso já ocorre, será aumentado o número de máquinas. Pelo menos é o que diz o convênio entre o Ministério da Educação e os reitores das universidades, assinado em 13/7, em Brasília. Pretende-se instalar 9,6 mil novos computadores nas salas de aula dessas instituições, como forma de estimular o uso da informática no ensino de graduação.

CRIATURAS DA MÍDIA

Xuxa, Ayrton Senna, Lady Di, Pelé, Mike Tyson, Gugu Liberato, Ronaldinho, Susana Werner, Carla Perez, Walter Mercado, Ratinho e muitos outros. A lista é cada vez maior e os nomes são familiares de todos os brasileiros que assistem televisão ou vivem nas grandes e pequenas cidades. Todos são seres humanos como você. Por algum dom ou característica especial, foram alçados da vida comum e ganharam a imortalidade. Com ajuda dos meios de comunicação, passaram a ser criaturas da mídia e frequentar o lugar reservado pela mitologia grega aos semideuses. O público conhece tão bem a intimidade destes seres divinos que se acha no direito de dar palpites sobre suas atitudes e condutas. Na frente da TV, milhões de brasileiros admiram, invejam, orgulham-se, criticam, imitam, riem, choram e sofrem com eles e por eles. "São o sonho daquilo que a gente gostaria de ser", sintetiza Heloíza Gomes de Matos, professora de Teoria e Pesquisa na Opinião Pública da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

James Görgen

De onde eles vêm e quem lhes dá vida, perguntam-se os especialistas. Tentativas de respostas renderam dezenas de teorias nas áreas da sociologia, psicologia e da comunicação. Enquantos alguns atribuíam sua origem à necessidade do público se espelhar em modelos, outros falavam do maquiavelismo dos meios de comunicação, que precisavam criar ídolos para manter audiência. Hoje, o cruzamento destas duas linhas de pensamento sugere um movimento de duas mãos.

O cientista social inglês, Stewart Hall, classificou esta relação como uma "negociação de sentidos" que se origina na morte do conceito de "telespectador passivo". "A televisão não cria a partir do nada. Ela ausculta ou intui esses valores. Ao mesmo tempo, ela influencia", analisa o professor Sérgio Caparelli, coordenador do Núcleo de Pesquisa em Mídia do Cone Sul ligado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Ufrgs. "A mídia apenas potencializa algo que já existe", concorda a professora da ECA.

Inventadas da necessidade inerente a todo ser humano de ser iludido, as criaturas da mídia acabaram fugindo ao controle de um possível criador, que certamente não é personificado por um ser de carne e osso. Como numa adaptação irônica do clássico de Mary Shelley, *Frankenstein*, as personalidades ou modelos que o público acompanha pela televisão, revistas e, mais recentemente, pela Internet, ganharam vida própria para prender a audiência, apoiadas no consolo à frustração da realidade que persegue o homem moderno. Tudo interessa porque nada interessa. Por isso, até os espíritos da filha de Xuxa precisam ser noticiados em rede nacional de TV.

Ao adotar um fenômeno depois do outro (mesmo com características distintas), a mídia mundial conseguiu ter um público espectador-consumidor *ad infinitum*. "É preciso comprar passagem de ida e volta para fora da realidade porque senão você fica vivendo de ilusão", alerta Sueli Damergian, professora de Psicologia das Relações Humanas do Instituto de Psicologia da USP (IP-USP).

Não é à toa que, desde a morte de Senna, as manchetes da grande imprensa tentam se revezar na exploração de fatos trágicos e lúdicos. Apenas para citar os últimos meses: a ascensão do apresentador

Carlos Massa, o Ratinho, a morte do cantor sertanejo Leandro, o menino que saiu da roça e virou astro da música, a cobertura mitificadora de um Brasil que sairia vencedor na Copa do Mundo da França e, em seguida, o nascimento da filha de Xuxa. "A necessidade de se criar mitos se renova muito mais rápido com os neo-olímpianos e a televisão do que com a tradição, que é lenta e dura séculos", observa Caparelli.

É um tiro no escuro. Nem sempre as ações das pessoas escolhidas para encarnarem os semideuses modernos – classificados de neo-olímpianos pelo pensador francês Edgar Morin – correspondem à expectativa do público. "A criação desses modelos é uma mistura de golpe de sorte com a construção da mídia", entende Sueli Damergian. Em julho, o Brasil inteiro assistiu atônito à queda de um desses mitos. Ao ultrapassar seus limites e conquistar para o país o campeonato mundial de futebol, o atacante Ronaldinho cumpria sua missão divina. Deu no que deu. Pelas câmeras de TV, todo o planeta logo entendeu que um ser divino havia tombado.

Nestes casos, a tática da mídia obedece a uma receita prática. O personagem é identificado como ser humano, que também erra, e logo desaparece. Tempos depois, o neo-olímpiano volta à cena pronto para uma nova batalha. A sina de Ronaldinho perseguiu a atriz e modelo Ana Paula Arósio, que arrebatou o coração dos brasileiros na telessérie *Hilda Furacão*. Meses antes, ela se envolveu em um escândalo nacional no momento em que começava a ser preparada para dar entrada no Olimpo virtual. Seu namorado, um empresário paulista, suicidou-se na sua frente depois de levantar a suspeita de que ela o traía. Arósio entrou em uma depressão profunda. Abalada, fugiu dos holofotes por um bom tempo. Sua volta retumbante aconteceu na minissérie da TV Globo. Curiosamente, a personagem vivida pela atriz também havia assistido ao suicídio de um noivo. Era a arte imitando a vida.

Ciente de que não existe construção de subjetividade sem a adoção de modelos, o que preocupa a professora do IP, é a falta de critério na escolha dos ídolos que a mídia passou a construir nas últimas décadas. "Em sua maioria, eles não são modelos construtivos da identificação", lamenta a docente. Nos últimos anos, Damergian tem dificuldade em classificar algum dos personagens cultuados pela sociedade como uma influência positiva. Em sua opinião, o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que comandou a campanha contra a fome e a miséria no Brasil até o ano passado (quando morreu de Aids), foi um dos poucos modelos dignos de ser imitado. "Para estes, a mídia não dá destaque", reclama.

O próprio piloto de Fórmula 1, Ayrton Senna, cuja morte em 1994 foi encarada como a perda do herói de um Brasil vitorioso, pode ser descartado como modelo para a formação da identidade individual. "Senna jamais foi um herói porque ele se sacrificava em nome do dinheiro, de sua carreira e não pela coletividade ou por uma causa", analisa a professora.

Sérgio Caparelli acredita que não foram os modelos que se deterioraram mas os conceitos do que é positivo e dignificante que mudaram. Baseado no "Século da Juventude" pensado por Eric Hobsbawn no livro *A Era dos Extremos*, Caparelli explica que o bom hoje é ser jovem, bonito, saudável e bem-sucedido. "De certa maneira, os neo-olímpianos configuram esse hedonismo predominante na sociedade atual", acrescenta o professor, para logo em seguida se perguntar: "Não me lembro de nenhum ídolo popular de 70 anos".



Walter Mercado inventou a si mesmo.

Nem sempre as necessidades da audiência criam um fenômeno de mídia. Frequentemente, os valores se invertem. Carências da sociedade contam, mas não são fundamentais, quando vender credibilidade é mais importante do que educar e informar. A prova cabal de que os mitos da mídia também podem ser empurrados goela abaixo é uma mistura importada de Hebe Camargo com Cauby Peixoto, nasceu em Porto Rico e atende pelo significativo nome de Walter Mercado. Há cerca de ano e meio, o místico loiro das linhas 0900 – famoso pelo bordão "Ligue Djá" – conquistou o público brasileiro. Tinha tudo para dar errado num país extremamente católico e que despreza os homossexuais.

Com ares efeminados mas extremamente carismático, Mercado fez a coisa certa: entrou no Brasil apropriando-se da boa imagem dos

apresentadores da TV. Homem de marketing experiente, usou os programas de Hebe e Gugu (SBT), Ana Maria Braga (Record), Xuxa (Globo) e muitos outros como cartões de visita. Logo caiu nas graças das emissoras, valendo-se do seu grande potencial de anunciante. Como uma criatura que inventou a si mesmo, ganhou o aval de suas colegas. Assim que

Sasha nasceu, Xuxa antecipou que o mapa astral de sua filha será um presente de Mercado. No ano passado, ele já havia feito o mesmo para a apresentadora.

Encantou milhares com seu portuñol arrastado, seu visual esfuziante e suas promessas de solução para os males do mundo. Basta uma ligação. Os que acreditaram no discurso precisaram gastar R\$ 4,94 por minuto para receber uma frase de consolo e orientação dos 300 discípulos que trabalham para o mago de

Miami no Brasil. São seis mil ligações por dia. Se cada chamada durar pelo menos um minuto o caixa nacional de Mercado engorda em R\$ 29.640,00 a cada 24 horas.

No resto do globo não é diferente. Consultor de estrelas do show business, como a pop star Madonna, e políticos de peso, como o presidente americano Bill Clinton, Walter estabeleceu seu sobrenome com facilidade. Hoje, está presente em 21 países operando com 2,5 mil discípulos. Fatura US\$ 200 milhões por ano. Multiplica sua audiência em 15 países de língua espanhola com programas de televisão. Recentemente, o multimilionário australiano das comunicações, Rupert Murdoch, assinou com Mercado um contrato de US\$ 15 milhões para colocá-lo nos lares moralistas dos Estados Unidos.

Depois de um início vexatório, onde era

sinônimo de brega, Walter de los Milagros – como era conhecido aos seis anos em sua terra natal por realizar curas em animais – começa a ser respeitado no Brasil. Está iniciando um serviço de atendimento via Internet, que promete faturar tanto quanto sua tenda esotérica por telefone; lançará seu sétimo livro em breve e editou uma coleção de CDs com previsões astrológicas. Continua sendo o alvo preferido do deboche brasileiro. Não se importa. Ele sabe o quanto lucra cada vez que se torna vítima de uma piada maldosa.

Os próprios cacoetes e o posicionamento messiânico frente às câmeras fizeram dele um ser especial, quase divino, que não pertence ao mundo dos pobres mortais. Como a feijoadinha, poderá continuar agradando as classes populares e conquistar as elites num piscar de olhos. Se você duvida, "Ligue Djá".

Pequenos consumidores são erotizados na mídia.

Meninas de cinco a nove anos se esforçam para ganhar o concurso de minidança de axé music, utilizando maquiagem de gente grande e roupas coladas ao corpo, que ainda não se desenvolveu completamente. *ZAP*. Uma pré-adolescente de 13 anos desfila na passarela um vestido de corte ousado, desenhado por um estilista famoso. *ZAP*. Uma garota de 15 anos, sobrinha de uma atriz famosa e disputada a tapas pelas agências de modelos, estrela pela primeira vez em um comercial de produtos de higiene de uma multinacional. **POWER OFF**.

Desligando a televisão depois de poucas horas de controle remoto, um brasileiro atônito pode ter uma amostra de um subproduto da mídia que vende tanto quanto os neo-olímpianos do pensador francês Edgar Morin: a exploração da infância pela perspectiva da sensualidade, ou do sexo mesmo. Casos de pornografia e prostituição infantil ainda são muito condenados na sociedade. Seus similares eletrônicos, não.

Para o professor Sérgio Caparelli, coordenador do Núcleo de Pesquisa em Mídia do Cone Sul ligado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Ufrgs, este é um fenômeno da juvenlização da sociedade. "Acho que os filhos se transformaram em mercadoria", resume Caparelli ao lembrar do exemplo de Sasha, a filha de Xuxa, que teve seu nome registrado como marca no Instituto Nacional da Propriedade Industrial, em 25 de fevereiro.

Na sociologia, o fenômeno da criança como uma categoria específica é recente. "Ela emerge dentro de um mercado não enquanto filha de um consumidor mas enquanto consumidora. Isto é, ela tem uma mesada", explica o professor da Ufrgs. Com o poder de consumo na mão, esta criança de classe média é logo adotada pela mídia e pela indústria de bens de consumo – no Brasil, isso passa a ocorrer a partir do final dos anos 70.

Não demora muito – menos de uma década – para o mercado perceber o quanto é lucrativo este segmento da população. Na opinião de Caparelli, o passo seguinte ocorre com a tentativa de se alargar o espaço onde será trabalhado o mito da juventude. Apesar de serem consumidoras, as crianças não se sentem respeitadas como cidadãs. Elas reivindicam este espaço espelhando-se na postura das criaturas da mídia. "Isso para a criança é muito importante", lembra Caparelli. "Se o mito é ligado ao amor, ao sexo, a criança é erotizada para que entre dentro deste terreno privilegiado que é a juventude".

Toda esta lógica, que não se restringe à ótica do mercado, justifica um circuito de mídia que promove concurso de pequenas imitações de Carla Perez, a exploração de Sasha ou da dupla sertaneja Sandy & Júnior pelos próprios pais e uma espécie de "desvirginização" de garotas entre 13 e 16 anos no ávido mercado de modelos para publicidade. Afinal, meninas e meninas também interessam como produto.

CRIATURAS DA MÍDIA

Reprodução da Internet

*Sasha, a filha da violência*

A mais nova criatura adotada pela mídia brasileira nasceu no final de julho e tem um nome de origem russa, apesar de ser a síntese da felicidade que só poderia ser fruto de um luxuoso berço pós-capitalista. Sasha é a cara do pai, Luciano Szafir, para a tristeza da mãe-menininha Xuxa, que criticou os dotes genéticos da família judaica de seu reprodutor escolhido a dedo. Sasha é herdeira de um império construído a partir da imagem de uma apresentadora de TV que começou como símbolo sexual e foi purificada pela mídia para se tornar a babá eletrônica de uma legião de crianças que precisam virar consumidores. Sasha é a garota que nasceu com o futuro garantido. Ao mesmo tempo, é a pobre menina rica que terá de lutar, com unhas pintadas e dentes perfeitos, para não ter o mesmo destino dos filhos das criaturas da mídia. Em resumo, esta é a visão que impera na mídia, que foi acusada de amplificar a violência contra uma menor mas abriu espaço para a análise desse fenômeno.

Tudo começou em dezembro do ano passado, quando a auto-intitulada "Rainha dos Baixinhos" anunciou no programa de seu amigo Fausto Silva que estava grávida de um mês do desconhecido modelo. A partir daí, a opinião pública parece ter ingressado em um estado delicado junto com Xuxa. Logo surgiram reações. Alguns jornais e emissoras de rádio promoveram o debate. "É natural, como ocorre com todo ídolo popular, que a intimidade de Xuxa aguce a curiosidade de milhões de brasileiros. É natural também que, como pop star, ela deva alimentá-la com pílulas de sua vida privada. E Xuxa tem seguido a cartilha à risca", escreveu Leila Reis no jornal *O Estado de São Paulo* de 14 de dezembro, uma semana depois do, digamos assim, lançamento da gravidez. Como grande parte dos críticos, na época a preocupação da articulista era mais com a opção da apresentadora em ser mãe solteira do que com as seqüelas da exploração da filha. Muitas pessoas temiam o efeito que a escolha da apresentadora poderia causar nas milhares de adolescentes brasileiras que engravidam por falta de informação. "O ideal seria que a rainha alertasse as súditas que sua atitude está respaldada na (belíssima) independência finan-

ceira e na maturidade que os 34 anos deveriam trazer-lhe."

O tempo passou, a barriga aumentou e a gravidez de Xuxa continuou sendo a manchete preferida de telejornais e outros meios de comunicação. É importante registrar que a manutenção do fenômeno no centro das atenções foi impulsionada pela troca de ofensas travada entre a empresária e escudeira de Xuxa, Marlene Mattos e a família Szafir. "Ao querer compartilhar com seu público a realização de seu antigo desejo, Xuxa acabou expondo também a falta de vínculo afetivo com o companheiro a quem, por ser sincera, tratou como mero reprodutor", analisou Leila Reis. "Puxa! Se é isso o que ela pensa da família do Luciano, o que não pensava da família do Pelé?", lembrou o escritor Ruy Castro no artigo "A mãe do século ou, pelo barulho, do milênio".

Quanto a mídia exagerou no nascimento é difícil mensurar. A Rede Globo foi acusada de abafar o escândalo da venda da Telebras concedendo dez minutos do *Jornal Nacional* para o "advento Sasha" (como classificou o crítico de televisão do jornal *Gazeta Mercantil*, Gabriel Priolli). Independentemente das discussões sobre o interesse público ou do público, pode se criticar o tipo de abordagem. Mas qual jornalista fecharia os olhos para o fato de que a primogênita da rainha da televisão brasileira nasceu e sua própria mãe está tratando a princesa como se ela fosse um produto? "Xuxa projeta em Sasha a infância que queria ter para si mesma. Essa a maior violência", constatou o articulista do jornal *Folha de São Paulo* Marcelo Coelho no contundente artigo "Perfeccionismo doente de Xuxa se auto-reproduziu", publicado em 5 de agosto.

Diante de tantas evidências, é mais sensato concluir que não foi Xuxa quem deu a luz à Sasha. Assim que nasceu, foi a primogênita de uma mãe infantilizada quem acabou entregue à forte luz dos refletores sem nenhum tipo de protetor moral. Que tipos de queimaduras essa exposição poderá provocar é assunto para o campo das especulações. "O assunto todo é obsceno. Xuxa já teve o que queria. A partir de agora, está impondo a Sasha violências sem fim", julgou Marcelo Coelho.

POLÊMICA

Vender discos também é cultura, diz o Governo

Recente pesquisa do Ministério da Cultura sobre o impacto do setor cultural na economia brasileira teve resultados polêmicos. Conforme o levantamento, a indústria cultural no Brasil movimentou, em 1997, R\$ 6,5 bilhões, representa 1% do Produto Interno Bruto e emprega mais gente do que os setores automobilístico, de telecomunicações e de eletroeletrônicos. De acordo com os dados colhidos, a cada R\$ 1 milhão gastos em cultura, são criados 160 empregos diretos e indiretos, indicando que o dinamismo econômico do setor era subestimado. Entre 1985 e 1995, os governos federal, estaduais e municipais desembolsaram a média anual de R\$ 725 milhões. Entre as 26 capitais brasileiras, os investimentos cresceram 8,6% ao ano, em média, sendo que oito cidades (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Fortaleza, Curitiba, Recife e Porto Alegre) respondem por 88,83% dos investimentos.

O resultado da pesquisa trouxe otimismo ao Ministério da Cultura e sérias críticas de produtores culturais e de artistas. Eles não concordam com os critérios utilizados para o levantamento, que utilizou uma amostragem com as 111 maiores empresas do país. Dentro dos R\$ 6,5 bilhões movimentados pelo setor cultural, conforme o critério adotado pelo governo, estão incluídas atividades de emissoras de rádio, televisão, cinema e teatro, e também aquelas ligadas à indústria de transformação, como editoração de livros, produção de equipamentos para uso na indústria cinematográfica e fonográfica, produção de fitas, películas e discos fonográficos. O comércio de bens culturais é incluído na pesquisa, o que equivale a dizer que vendedores de discos nas lojas de eletrodomésticos são trabalhadores no setor cultural.

Renúncia fiscal

De 1990 a 1997, as dotações orçamentárias da iniciativa privada ao setor cultural cresceram quase 350%, segundo a pesquisa do governo. Na verdade, tais investimentos podem ser entendidos como renúncia fiscal da União. Através da Lei Rouanet, por exemplo (utilizada em 83,5% dos casos), do total investido apenas um terço sai do bolso do empresário. O restante é pago pelos cofres do governo, que abre mão de um percentual do imposto de renda. Em 1997, a União deixou de arrecadar R\$ 199 milhões em impostos por meio da renúncia fiscal.

Para o professor da Ufrgs Cirio Simon, que finaliza tese de doutorado sobre o assunto, a renúncia fiscal da União como forma de incentivo à área cultural é imoral. "O governo se admite incapaz de gerenciar a área da cultura, então renuncia à arrecadação e transfere a responsabilidade", defende Cirio.

As ações de marketing feitas pelas empresas também são consideradas como investimentos em cultura. Associar uma empresa a um projeto cultural tem dado bons resultados na fixação e promoção de uma marca. "Mas promoção de evento não é investimento cultural. Apoiar a cultura é investir na formação continuada de uma pessoa", adverte Cirio. O professor cita exemplos de revistas beneficiadas pela renúncia fiscal. "Em Porto Alegre, a revista *Aplauso* terá um ano de isenção fiscal. O governo receberá um tostão de imposto e contabilizará isso como investimento na área cultural. É uma imoralidade", conclui o professor.

Prestação de Contas Balancete de Março de 98			
ATIVO:			
Circulante			
Disponibilidades		841,00	
Aplicações Financeiras		1.024.678,23	
Créditos Diversos		11.098,53	1.036.617,76
Permanente			<u>268.058,72</u>
	Total do ativo		1.304.676,48
PASSIVO:			
Circulante			<u>6.057,75</u>
Patrimônio Líquido			
Patrimônio Social		1.251.699,62	
Resultado Acumulado do exercício		46.919,11	<u>1.298.618,73</u>
	Total do passivo		1.304.676,48
RECEITAS:			
	<u>Acum. Anterior</u>	<u>Acum. Atual</u>	<u>Do mês</u>
Associados	93.427,23	186.928,83	93.501,30
Outros (inclusive financeiras)	<u>33.384,60</u>	<u>41.168,23</u>	<u>7.783,63</u>
	126.812,13	228.097,06	101.284,93
DESPESAS:			
Com pessoal	34.413,00	45.843,50	11.430,50
Andes (mensalidade CUT + Andes)	4.631,45	16.271,45	11.640,00
Viagens e estadas	9.233,06	15.347,36	6.114,30
Outras (inclusive financeiras)	<u>73.376,59</u>	<u>103.715,64</u>	<u>30.399,05</u>
	121.654,10	181.177,95	59.523,85
RESULTADO:			
		Acumulado	Do mês
Receitas – Despesas =		46.919,11	41.761,08
Egon Claus Steinstrasser – Contador Reg. 29583			

Prestação de Contas Balancete de Maio de 98			
ATIVO:			
Circulante			
Disponibilidades		2.174,72	
Aplicações Financeiras		883.807,39	
Créditos Diversos		34.999,42	920.981,53
Permanente			<u>272.198,72</u>
	Total do ativo		1.193.180,25
PASSIVO:			
Circulante			<u>4.038,50</u>
Patrimônio Líquido			
Patrimônio Social		1.251.699,62	
Resultado Acumulado do exercício		62.557,87	<u>1.189.141,75</u>
	Total do passivo		1.193.180,25
RECEITAS:			
	<u>Acum. Anterior</u>	<u>Acum. Atual</u>	<u>Do mês</u>
Associados	233.939,37	233.939,37	—
Outros (inclusive financeiras)	<u>52.821,99</u>	<u>94.805,13</u>	<u>41.983,14</u>
	286.761,36	328.744,50	41.983,14
DESPESAS:			
Com pessoal	58.913,13	74.533,96	15.620,83
Andes (mensalidade CUT + Andes)	28.013,45	39.746,45	11.733,00
Viagens e estadas	24.763,82	41.162,69	16.398,87
Outras (inclusive financeiras)	<u>153.382,85</u>	<u>235.859,27</u>	<u>82.476,42</u>
	265.073,25	391.302,37	126.229,12
RESULTADO:			
		Acumulado	Do mês
Receitas – Despesas =		62.557,87	84.245,98
Egon Claus Steinstrasser – Contador Reg. 29583			

Prestação de Contas Balancete de Abril de 98			
ATIVO:			
Circulante			
Disponibilidades		1.184,89	
Aplicações Financeiras		982.630,12	
Créditos Diversos		21.412,50	1.005.227,51
Permanente			<u>272.198,72</u>
	Total do ativo		1.304.676,48
PASSIVO:			
Circulante			<u>4.038,50</u>
Patrimônio Líquido			
Patrimônio Social		1.251.699,62	
Resultado Acumulado do exercício		21.688,11	<u>1.273.387,73</u>
	Total do passivo		1.277.426,23
RECEITAS:			
	<u>Acum. Anterior</u>	<u>Acum. Atual</u>	<u>Do mês</u>
Associados	186.928,83	233.939,37	47.010,54
Outros (inclusive financeiras)	<u>41.168,23</u>	<u>52.821,99</u>	<u>11.653,76</u>
	228.097,06	286.761,36	58.664,30
DESPESAS:			
Com pessoal	45.843,50	58.913,13	13.069,63
Andes (mensalidade CUT + Andes)	16.271,45	28.013,45	11.742,00
Viagens e estadas	15.347,36	24.763,82	9.416,46
Outras (inclusive financeiras)	<u>103.715,64</u>	<u>153.382,85</u>	<u>49.667,21</u>
	181.177,95	265.073,25	83.895,30
RESULTADO:			
		Acumulado	Do mês
Receitas – Despesas =		21.688,11	25.231,00
Egon Claus Steinstrasser – Contador Reg. 29583			

Prestação de Contas Balancete de Junho de 98			
ATIVO:			
Circulante			
Disponibilidades		2.333,39	
Aplicações Financeiras		862.213,53	
Créditos Diversos		47.803,18	912.350,10
Permanente			<u>272.198,72</u>
	Total do ativo		1.184.548,82
PASSIVO:			
Circulante			<u>9.566,48</u>
Patrimônio Líquido			
Patrimônio Social		1.251.699,62	
Resultado Acumulado do exercício		76.717,28	<u>1.174.982,34</u>
	Total do passivo		1.184.548,82
RECEITAS:			
	<u>Acum. Anterior</u>	<u>Acum. Atual</u>	<u>Do mês</u>
Associados	233.939,37	328.448,38	94.509,01
Outros (inclusive financeiras)	<u>94.805,13</u>	<u>70.690,86</u>	<u>24.114,27</u>
	328.744,50	399.139,24	70.394,74
DESPESAS:			
Com pessoal	74.533,96	88.991,50	14.457,54
Andes (mensalidade CUT + Andes)	39.746,45	51.479,45	11.733,00
Viagens e estadas	41.162,69	57.827,63	16.664,94
Outras (inclusive financeiras)	<u>235.859,27</u>	<u>277.557,94</u>	<u>41.698,67</u>
	391.302,37	475.856,52	84.554,15
RESULTADO:			
		Acumulado	Do mês
Receitas – Despesas =		76.717,28	14.159,41
Egon Claus Steinstrasser – Contador Reg. 29583			


Seminários Brasil Hoje

21 de agosto
19h
Salão Nobre da Faculdade de Direito

UFRGS – ASSUFRGS – Fac. de Direito – Fac. De Economia

O Brasil e o Rio Grande do Sul
no (des)ajuste global

Maria da Conceição Tavares
Miguel Rossetto



20
ANOS
ADufrgs
ANIVERSÁRIO DE FUNDADAÇÃO

Adverso
09

PROSA & POESIA



O presidente-sociólogo

Acabo de ler o livro recém-lançado *O Presidente Segundo o Sociólogo* e tenho acompanhado as declarações de FHC sobre os investimentos na educação primária. Penso que esta (educação primária) é um produto de todo um processo encadeado. Se não derem condições para formarmos profissionais de qualidade nos níveis do 2º e 3º Graus, como seremos competentes para trabalhar no Ensino Básico? Haja visto a situação das universidades públicas, que sobrevivem à mais cruel penúria de sua história. Um presidente pode não saber, mas o sociólogo deveria saber. Assim como o presidente utiliza o sociólogo para cimentar ideologicamente o seu governo, e já que não é possível separar o presidente do sociólogo e o sociólogo do presidente, proponho que o presidente se curve ao sociólogo e sobreviva com salário de um professor universitário federal. É preciso viver a educação para falar dela. Os números e as estatísticas não sentem fome, nem raiva. O resto é demagogia!

Símbolo da elegância

Em etiqueta há coisas que não combinam: trajes finos com posturas incorretas, cores berrantes com maquiagem pesada, alimentos gordurosos com carboidratos, vinhos importados em copos de vidro, "cuca com lingüiça". Em todas as ocasiões, o leve deve predominar, obedecendo tonalidades discretas que vão do clássico ao moderno, sem agredir. Assim como não combinam atitudes do presidente da nação, que estetizou a política com títulos (PhD em Sociologia na França), ex-professor da USP e outras condecorações e honrarias oficiais com grossuras e incomposturas. Este jamais deveria utilizar palavras ou expressões que não fizessem parte do seu universo, tais como: "vagabundos", "neobobos", "caipira" entre outras que não vêm a público. De que adiantam tantos títulos se a polidez se evapora? Se ele trata a população desta forma, imaginem se abrirem as portas de sua intimidade o que não deve estar trancado ou deve sair pelos ralos de seu imaginário.

Era uma vez...

Uma ex-professora de uma universidade pública que ao se eleger deputada federal entrou nas "ondas da modernidade" e esqueceu seu passado. Ela esqueceu também que o cargo era temporário e quando voltou à universidade em que trabalhara, esta não existia mais, haviam-na privatizado. Um dia, um de seus netos quis saber o que significava uma universidade pública. Ela não soube responder, pois havia esquecido de lembrar que um dia fora parte dela. No entanto, ficará registrado nas páginas da história e na memória das gerações que passaram pela universidade pública o nome dos seus destruidores.

Textos de Valdir José Morigi,
professor na Universidade Federal da Paraíba

Wladimir Ungaretti / Jornalista, professor na Fabico/Ufrgs

O Estado sedutor e publicitário

O Estado Sedutor – As relações entre a Mídia e o poder no mundo contemporâneo é o título do Seminário promovido pela Secretaria de Cultura do Estado em conjunto com a PUCRS e Assembléia Legislativa do Estado, de 2 a 4 de setembro, tendo como estrela central nada menos que o pensador francês Régis Debray.

O nome de Debray, mais recentemente, ganhou um certo destaque entre nós a partir da publicação de algumas de suas obras pela editora Vozes ou ainda pelo fato de ter sido um importante conselheiro do presidente francês François Mitterrand.

Mas, para a geração que está em torno dos 50 e que militava contra as ditaduras latino-americanas, nas décadas 60/70, este é um nome bastante conhecido, pois que está diretamente ligado às lembranças do sonho guerrilheiro de transformação do mundo – o sonho de uma revolução de inspiração cubana. Para esta geração, o livro de cabeceira, sem dúvida nenhuma, foi *Revolução na Revolução*, texto em que Debray sistematizava a experiência cubana. Texto que foi, literalmente, panfleteado em toda a América Latina, discutido nas universidades, portas de fábricas, mas dissecado nas reuniões realizadas nos "aparelhos da clandestinidade" da época. É impossível termos uma noção de quantos exemplares foram impressos de *Revolução na Revolução*, pois que eram edições clandestinas, produzidas em "gráficas" igualmente clandestinas. Régis Debray foi aluno de Louis Althusser, teórico marxista igualmente importante nas décadas 60/70, nascido em 1941, esteve preso na Bolívia entre 1967 e 1971, por suas ligações com o guerrilheiro Che Guevara, e entre os anos de 1981 e 1988 esteve diretamente ligado ao presidente socialista francês François Mitterrand, na condição de conselheiro. Em 1993, defendeu sua tese de doutorado na Sorbonne e, logo a seguir, na condição de pesquisador, passou a trabalhar para esta mesma universidade.

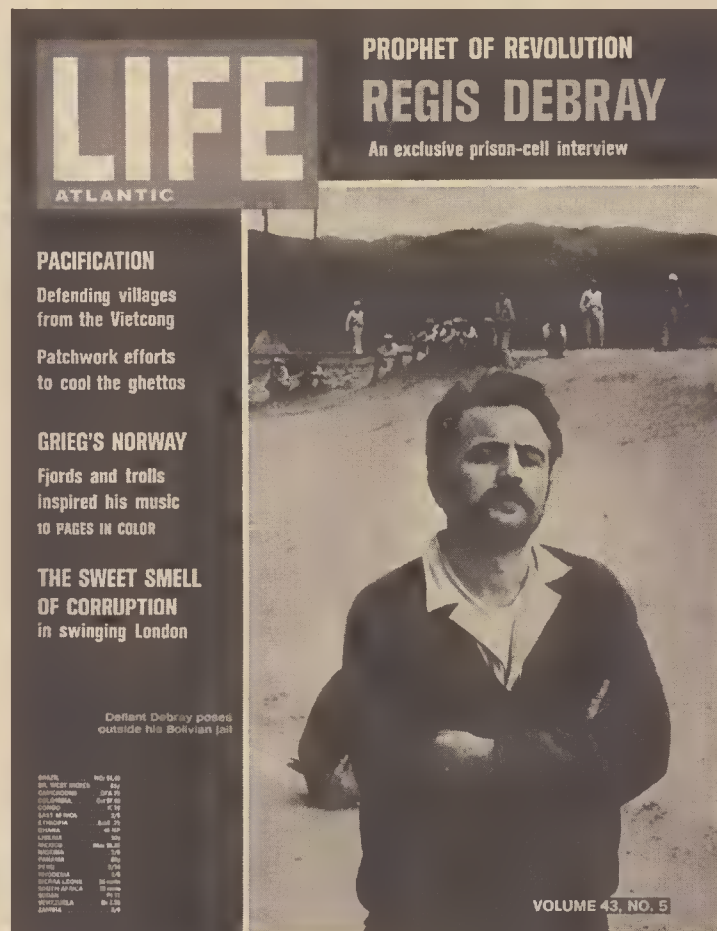
O Estado Sedutor é o título do terceiro livro editado pela Vozes, em 1994 e, sem dúvida nenhuma, seu tex-

to mais polêmico no sentido político, posto que, além de melhor distinguir o que venha a ser a disciplina "midiologia", inicia uma discussão sobre as relações entre mídia-estado-políticos a partir de uma nova ótica. De um ponto de vista mais teórico, mais abstrato, o pensador francês nos sugere uma outra periodização da história. Propõe que se pense a história a partir das noções de logosfera, grafosfera e videosfera. É um livro surpreendente. Logo nas primeiras páginas Debray afirma que: "já não é possível governar os homens da mesma maneira porque, em relação a 1900, é diferente o modo como os homens do ano 2000 olham, escutam e riem". Surpreendente, não?

Mas o primeiro livro editado pela Vozes, e que não chegou a despertar maiores atenções, foi *Curso Geral de Midiologia*, texto em que o autor procura estabelecer o que seria, de fato, esse novo objeto de investigação denominado "midiologia". E para isso Debray recorre a Augusto Comte. Diz ele: "quando, em 1837, Comte inventou, a partir de um *socius* latino e de um *logos* grego, a palavra sociologia, para chamar o campo de investigação que, até aquele momento, vinha sendo chamado de física social, as sociedades humanas já tinham realizado muitas pesquisas e muitas descobertas.". A partir desta noção Debray afirma que a formação de uma palavra cristaliza, simplesmente, a tomada de consciência de um novo e singular objeto de investigação. Esta é uma noção in-

teressante de ser discutida na academia. *Vida e morte da Imagem*, também da Editora Vozes, de 1994, é um livro de leitura agradável, carregado de informações sobre a história das imagens no ocidente. O texto é aberto por uma história que traça, comparativamente, as diferenças das formas de olhar no ocidente e no oriente.

E, por último, cabe uma referência do texto *Manifestos Midiológicos*, pois que este já polemiza com alguns de seus críticos. Você continua sem saber o que é midiologia? Pois só tem uma saída: ler os livros de Debray e aproveitar para assistir à sua conferência. Ficam aqui algumas pistas.



"Desafiador, Debray posa do lado de fora de sua cela na Bolívia", dizia a legenda sob a foto de matéria de capa da *Life*, em setembro de 1967. Debray fora preso após acompanhar Che Guevara pelas selvas bolivianas



Adriana Vargas / Acadêmica de Jornalismo na Ufrgs

A construção da Universidade Futurante

Que o mundo passa por um período de grandes transformações ninguém tem dúvida. Os projetos de reconversão econômica, acompanhando o ritmo frenético da globalização, atingem também a universidade. Quem detém o conhecimento é mercadoria à venda no mercado. E aí surgem as dúvidas: como formar o cidadão do futuro?, a Universidade deve transmitir conhecimento como sempre fez?, quais são as melhores e mais inovadoras aulas?, como produzir um ensino que não se torne penoso para professores e alunos quando o mundo fora da sala de aula está repleto de apelos motivadores?

Refletindo e procurando respostas para essas e outras questões, o livro *Universidade Futurante* se coloca como uma indagação entre as certezas do passado e as incertezas do futuro. Escrito por professores – ensinadores/pesquisadores – de universidades do país (UNB, UFF, UFMG, UFPEL, UFRGS) e do exterior (ULondres), a obra apresenta um painel de propostas concretas para aqueles que têm no ensino universitário o seu fazer profissional.

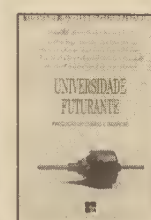
No momento em que se discute o futuro da universidade e o modelo de universidade do futuro, a palavra futurante refere-se à ciência revolucionária, uma construção silenciosa que pode estar sendo feita por personagens que, despercebidamente, estão agindo em suas salas de aula e laboratórios.

O leitor encontrará, na primeira parte, idéias sobre a Inovação na universidade, a gestão interdisciplinar do ensino, da pesquisa e da extensão e a relação de mão dupla entre a extensão e a sociedade. Na universidade futurante, amplia-se a necessidade da aprendizagem constante e profunda, na qual a reflexão sobre o social e sobre a história – local, regional e universal – é condição para a sobrevivência e a construção de uma nova história humana com cidadania politicamente capaz e com solidariedade social.

E como aplicar esses conceitos teóricos na prática? Há lugar nas salas de aula para a dúvida, a experimentação, a construção de conhecimento? É possível aprender e produzir significado cultural? Na segun-



Professores e alunos devem revolucionar o ensino e produzir um aprendizado interdisciplinar



Universidade Futurante
Produção do Ensino e Inovação
Organização de Denise Leite e
Marília Morosini
Papirus Editora, 200 páginas,
R\$ 24,00

da parte, a relação teoria-prática é discutida, sendo apresentada uma metodologia de ensino que organiza o trabalho pedagógico na aula universitária.

Constituindo um instrumento de reflexão para o docente, o livro discute ainda, na terceira parte, a aprendizagem e a avaliação: A prova é a melhor maneira de avaliar um aluno? Para os autores, independente do ensino que deve ser produtivo e inovador, será a aprendizagem, e a avaliação que vai medi-la, que vai dizer se a preparação do profissional do futuro realmente será efetiva.

Os problemas das universidades públicas, a incerteza das privadas sobre a direção de seus investimentos só vêm confirmar a necessidade de reflexões

e mudanças. Falta de verbas, salários defasados, corte de bolsas para pesquisas, mas também professores arraigados a formas tradicionais de transmissão do conhecimento, causando desinteresse e apatia, contribuem para que o ensino universitário não garanta mais o sucesso profissional e nem a formação de consciência crítica e cidadania.

E se o projeto da Universidade Futurante parecer muito difícil, vale lembrar as palavras de Mário Quintana:

Se as coisas são inatingíveis ... ora! / Não é motivo para não querê-las ... / Que tristes os caminhos, se não fora / A presença distante das estrelas!

ORELHA

A Era da manipulação

Wilson Bryan Key. A doutrinação subliminar e a deterioração da lógica nas comunicações. Segundo o autor, a obra tem duas utilidades: ajuda o consumidor a se proteger da exploração dos símbolos e a desenvolver lucrativas carreiras em publicidade. Editora Scritta, 312 pp.



Era dos Extremos

Eric Hobsbawm. Pela ótica de um dos maiores historiadores da atualidade, o livro contempla os acontecimentos, as ações e decisões que, desde 1914, constituíram os anos 90. Companhia das

Letras, 598 pp.

Modelos hidrológicos

Carlos Tucci. Indicado para engenheiros e hidrólogos, apresenta uma coletânea dos métodos práticos mais utilizados sobre modelação hidrológica. Editora da



Universidade, 667 pp.

AD NAUSEAM

LIGAÇÃO A COBRAR
PARA A CASA
DE WALTER MERCADO...

DESLIGUE
DJA!



HEMEROTECA

The world today
Nº 8-9 – Volume 54 -
Agosto/Stembro de 1998

Jornais Diários
Zero Hora - Correio do Povo -
Folha de São Paulo

WWW

Consulta ao Ibope
X www.ibope.com.br
Acesso aos dados de pesquisas do instituto
Jornal on-line
X www.equipenet.com.br
Jornais de todo o mundo

“A rebelião de 1968 fracassou”

ADverso — O senhor costuma dizer que, atualmente, há mais motivos para se revoltar do que havia em maio de 68. Quais são esses motivos?

Krivine — Em 68, as condições econômicas e sociais eram menos graves do que hoje. Na época, havia na França cerca de 200 mil desempregados, enquanto que hoje há, oficialmente, mais de 1 milhão e 600 mil franceses sem emprego. Além disso, os problemas internacionais, os ecológicos, a fome no mundo, por exemplo, eram importantes em 68 mas muito menos dramáticos que hoje. Por isso, vejo que hoje há muito mais motivo para revolta do que em 1968.

Adverso — O senhor avalia que hoje existam condições para externar essa revolta?

Krivine — Eu acredito que as condições objetivas existem, mas as condições subjetivas são muito mais difíceis que antes. Houve o fracasso do comunismo estalinista ao Leste, o fracasso da esquerda social-democrata na França, na Espanha e na Suécia. As pessoas têm vontade de externar sua revolta, sua indignação e estão cada vez mais descontentes com a sociedade atual. Mas vêem muito menos perspectivas e alternativas.

Adverso — Como o senhor vê o intelectual de esquerda FHC e como analisa a prática do presidente FHC?

Krivine — Ele faz parte de um fenômeno internacional, de velhos revolucionários que mudam de lado. Camaradas meus conheceram bem Fernando Henrique Cardoso quando ele estava em Paris. Era de extrema esquerda mais ou menos. Ele é um fenômeno ligado à mundialização da troca de camiseta (*re-tournement de veste*).

Adverso — Há quem afirme que o capitalismo desenvolveu uma técnica para acabar com qualquer movimento que o ponha em perigo: assimilá-lo. O senhor concorda?

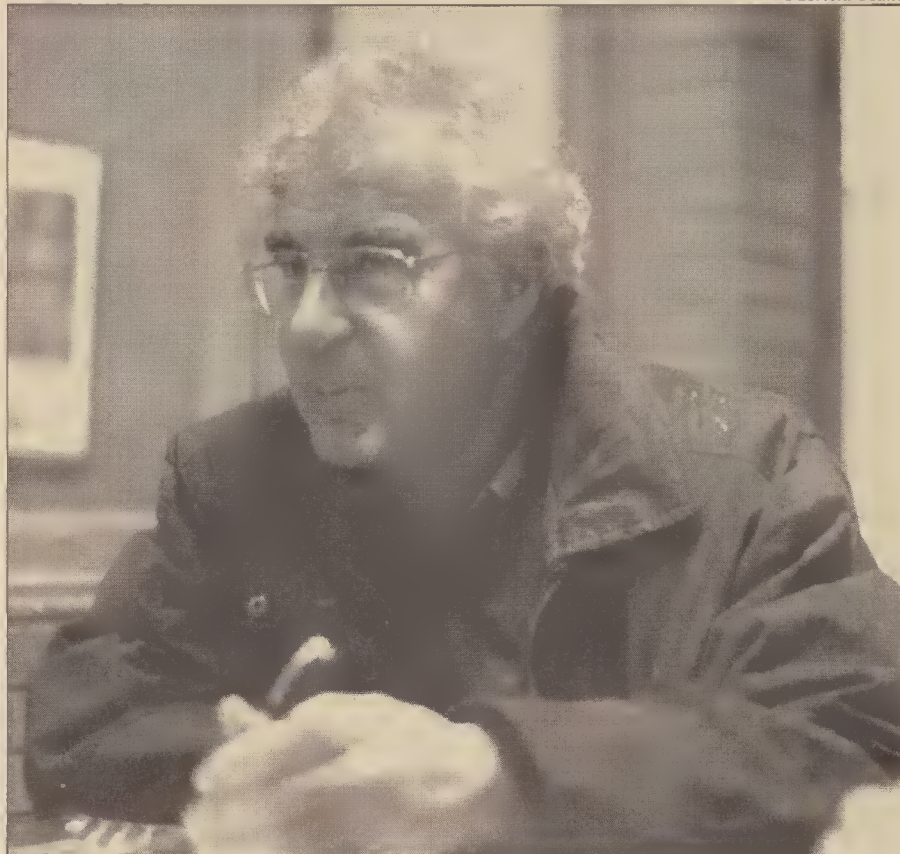
Krivine — É verdade, e 1968 foi assimilado em parte. Hoje, todos são feministas na França. E foi a direita quem instalou o Ministério das Mulheres, o que a esquerda não fez. Eles têm uma facilidade não apenas de assimilar mas de recuperar, de retomar formalmente a reivindicação, esvaziá-la de seu conteúdo e banalizá-la completamente. Por isso, acho que 1968 fracassou. E acho que se tem lembrado maio de 68 de forma exagerada. Toda a imprensa tirou números especiais; de direita, de centro e de esquerda. Todos ecoam 68. Mas não esqueçamos que era uma revolução!

Adverso — Há possibilidade de resistência a essa recuperação/assimilação dos valores revolucionários?

Krivine — O que nós temos tentado fazer na França é mobilizar as pessoas em torno destes famosos valores que o Poder tenta recuperar, pois é isso, a mobilização, que o capitalismo não quer. Eles tentam, por exemplo, recuperar o feminismo, e o que aconteceu é que de fato nasceu um movimento

Alain Krivine, hoje dirigente da organização trotskista Liga Comunista Revolucionária, em 1968 era estudante de História na Universidade de Paris-Sorbonne. Fazia parte do comitê organizador das manifestações em Paris e foi preso junto com o líder Daniel Cohn-Bendit. Em visita à sede da Adufrgs, Krivine fez uma rápida análise do movimento de 68 e concluiu que o aparecimento dos movimentos sociais é um dos principais feitos da época de contestações, além de demonstrar “que é possível se revoltar num país capitalista”. Mas Krivine é crítico quanto aos resultados do festejado maio de 68. Hoje, até a extrema direita assimilou as reivindicações da vanguarda francesa, assinala. Participaram da entrevista com Krivine o ex-secretário municipal de Cultura de Porto Alegre, Luiz Paulo Pilla Vares, o professor da Ufrgs, Ivan Pan, e o jornalista Silvanio Mariani.

Fabírcia Osanai



Krivine: a direita teve a capacidade de assimilar as reivindicações

feminista que quer ir muito mais longe do que eles previram. Tentam recuperar toda uma série de direitos porque hoje é sobre o *slogan* dos direitos que as pessoas lutam: direito à moradia, à educação, direito à saúde e outros. Eu acho que no nível político isto é uma elevação de consciência. A partir do momento que as pessoas pensam que ter uma moradia é um direito, elas se organizam e começam a ocupar moradias vazias. Na França, onde isso já acontece, vemos resultados bem interessantes nos tribunais, que em nome do direito constitucional à moradia, deixa ocupar casas vazias. O governo, evidentemente, é contra. Resumindo, devemos visar mobilizações autônomas organizadas e é claro que isso não é fácil.

Adverso — Qual é o legado de 1968?

Krivine — Há, primeiro, pequenas conquistas que são duradouras como, por exemplo, a legalidade de se formar sindicatos em cada empresa. Num nível mais geral, temos o que se chama de “revolução cultural”. Eu penso que maio de 68 acelerou um processo inelutável, não criou a liberação das mulheres, mas ajudou tal liberação acontecer, a acelerou. Hoje, na França, existe o direito ao aborto. Enfim, há uma série de conquistas para as mulheres, para os homossexuais. Temos, neste caso, igualdade, embora formal, para casais homossexuais e casais heterossexuais. E eu diria que há um espírito permanente de contestação das hierarquias e direções, que toma formas novas. As pessoas têm vontade de

fazer política, elas mesmas, sem passar por delegação de poder, de tentar resolver seus problemas fora das hierarquias burocráticas. Na França, temos novamente na boca das pessoas a palavra cidadania, que é uma herança da Revolução Francesa. Finalmente, maio de 68 demonstrou que é possível se revoltar num país capitalista moderno, que é muito importante porque isto acaba com uma espécie de fatalismo da época que dizia que se revoltar é coisa para o Terceiro Mundo.

Adverso — E no plano político?

Krivine — Ora, num plano muito mais político, maio de 68 foi a primeira na qual a esquerda tradicional perde o controle do movimento social e é de fato superado por este. Antes, o Partido Comunista, muito forte, controlava completamente os movimentos sociais. Desde maio de 68 existe então a esquerda da esquerda tradicional, mais ou menos forte, mas permanente, e que hoje, na França, tem desempenhado um papel bastante importante na direção dos movimentos sociais, sejam de desempregados, de imigrantes ou de antifascistas, por exemplo. Eleitoralmente, está começando a fazer “um furo”: há alguns meses, nas últimas eleições regionais, a extrema esquerda obteve 5% dos votos nacionalmente, tendo alcançado, em várias cidades, 9% ou 10%. Isso muda completamente a correlação de forças dentro da esquerda, pois o partido comunista baixou a 10%.

Adverso — Viviane Forrester, no livro *O horror Econômico* (Editora da UNESP, 1997) diz que a sociedade capitalista está estruturada sobre a base da existência do emprego. No entanto, conclui a autora, o sistema econômico subjacente tem se desenvolvido de forma a acabar com o emprego (modernização primeiro e globalização depois) a tal ponto que, hoje em dia, a criação de novos empregos proporcionalmente à demanda não é mais possível. Não obstante, a promessa de criar novos empregos é uma das principais bandeiras de todos os governos, seja em campanha pré-eleitoral, seja no mandato como justificativa para a política econômica. O que o senhor acha a este respeito?

Krivine — Viviane Forrester é uma mulher da grande burguesia, não é revolucionária, mas descobriu os horrores da exclusão, da barbárie capitalista. Não é, tampouco, uma economista por formação. Seu livro vende às centenas na França. É verdade que na economia de mercado capitalista não há mais possibilidades de criar empregos para cobrir as necessidades da sociedade. Porém, acho que se pode criar empregos diminuindo o tempo de trabalho e, sobretudo, a sociedade deve criar novas necessidades culturais ou de lazer, por exemplo. Resumindo, eu acredito que se pode criar novos empregos, mas eles são contraditórios com a lógica da lucratividade, o que é premissa fundamental na economia atual. ✱